

# ANITA MALFATTI: UMA EXPRESSIONISTA?

Bruna Cavalheiro Gomes - Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria de Fátima Morethy Couto

INSTITUTO DE ARTES - UNICAMP

PIBIC/Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico  
História da Arte – Modernismo – Arte Moderna Brasileira



Julius Meier-Graefe, 1912 - o. s. t. - 90,4 x 70,4 cm - Musée D'Orsay - Paris, France  
Lovis Corinth.



Retrato de um professor [Cabeça de velho], 1912 - 1913 - o. s. t., c.i.d. - 50,5 x 40 cm - Coleção Particular - Anita Malfatti.



O Japonês - 1915 - 1916 - o. s. t., c.i.d. - 61 x 51 cm - Coleção Mário de Andrade do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (SP) - Anita Malfatti.

Este projeto teve por objetivo problematizar a filiação da obra de Anita Malfatti ao expressionismo alemão. Pretendeu também investigar as possíveis influências de Lovis Corinth sobre seu trabalho. Para tanto, foram estudados textos críticos sobre sua produção, assim como analisadas algumas de suas obras. Foram de extrema valia para a construção do texto e para o aprofundamento da pesquisa publicações como *Anita Malfatti no tempo e no espaço* de Marta Rossetti Batista, *Expressionismo* de Shulamith Bher, *Um Jeca nos Vernissages* de Tadeu Chiarelli, *Cartas a Anita Malfatti*, escritas por Mario de Andrade e organizadas por Marta Rossetti Batista e ainda a tese de mestrado de Renata Gomes Cardoso “*A pintura de Anita Malfatti nos períodos iniciais de sua trajetória. Proposta de revisão a partir da análise de obras.*”

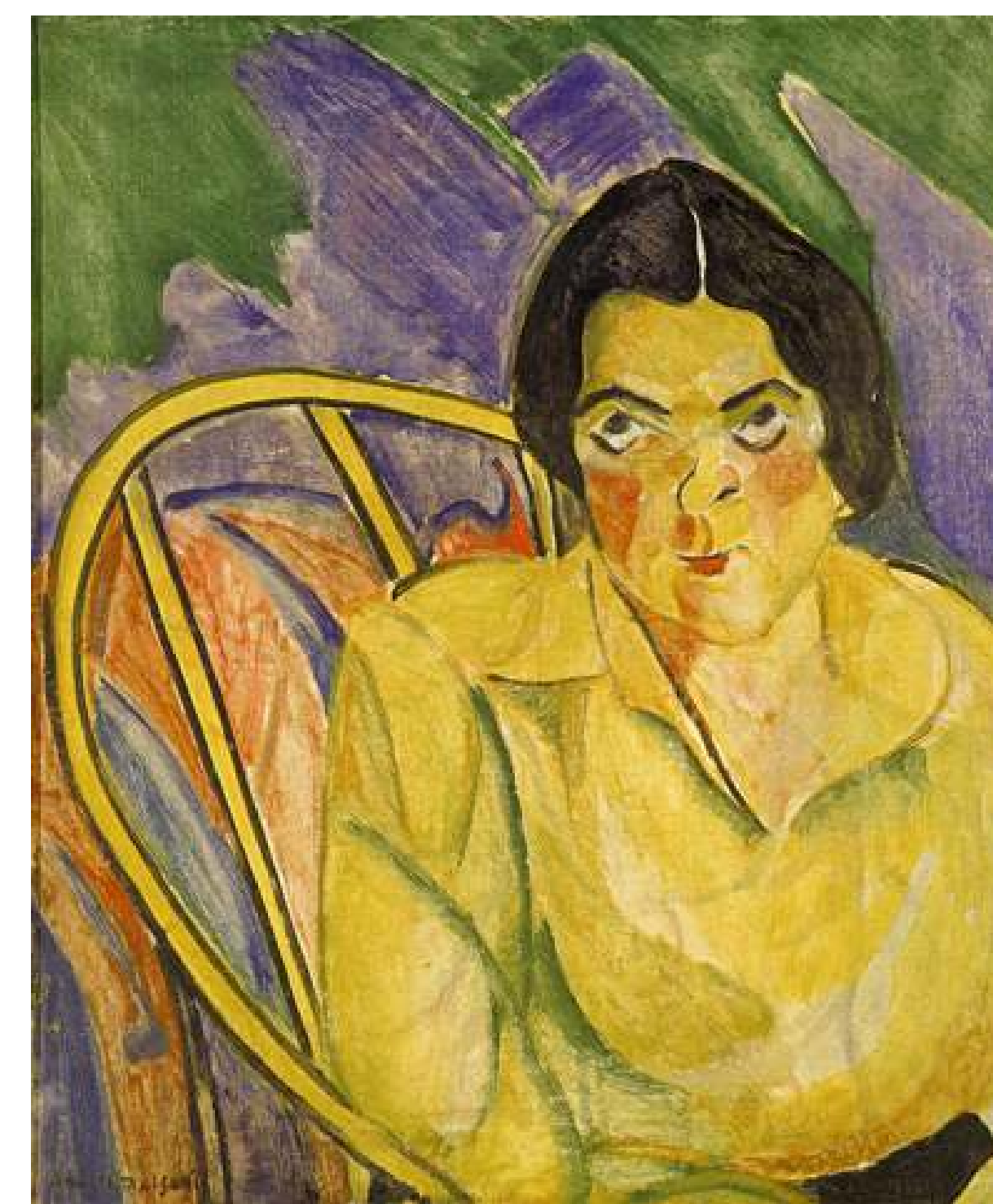
Anita é incontestavelmente um dos maiores nomes da arte brasileira, entretanto, teve sua pessoa e sua obra condicionados às suas experiências vanguardistas. Por consequência do efeito de sua segunda exposição individual que fermentou o ambiente paulistano, impulsionando a Semana de 22, as referências ao ideário vanguardista se repetem em vários estudos sobre seu trabalho. Negligencia-se o restante de sua produção e consolidam-se afirmações e determinações sobre seu estilo e obra, sem análises mais aprofundadas que levem em conta os desejos e as reais motivações da artista ao longo de sua carreira.

Ficou explícito que Anita não tinha filiação clara ao expressionismo alemão apesar dos elementos expressivos contidos na obra de sua primeira fase. Tais reminiscências de seus estudos no exterior indicavam muito mais uma experimentação, uma articulação que se havia adequado à necessidade da jovem pintora no momento, do que uma filiação a uma escola determinada e a seu discurso.

A pesquisa acabou estendendo-se além dos objetivos inicialmente propostos, pois durante a construção dos textos foi possível perceber que a questão esbarrava em outros pontos. Ao estudar com mais vagar a recepção de sua obra no país pude ver o quanto o meio artístico brasileiro, em especial o paulista, não estava preparado para sua produção. Na ânsia de fortalecer e conceder credibilidade ao modernismo, os primeiros participantes do movimento, em especial Mario de Andrade, não foram capazes de compreender as obras de Anita. Não tendo conhecimento real do contexto no qual suas primeiras obras foram produzidas, não lhes foi possível apreciá-las e avaliá-las devidamente, levando-as a limitar a artista a um papel de pioneira do movimento modernista brasileiro.



A Estudante, 1915 - 1916 - o. s. t., c.s.d. - 76 x 61 cm - Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (SP) - Anita Malfatti.



A Boba, 1915 - 1916 - o. s. t., c.i.e. - 61 x 50,6 cm - Coleção Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (SP) - Anita Malfatti.



Dora Rainha do Frevo, 1934 - 73 x 60 cm - o. s. t. - Museu de Arte Moderna de São Paulo - Anita Malfatti.